

# Um diálogo secreto entre dois poetas e suas cidades escritas

*A secret dialogue between two poets and their written cities*

Francisca Marciely Alves Dantas  
Instituto Federal do Amapá (IFAP)  
francisca.dantas@ifap.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-6653-4182>

Fernanda Pereira Martins  
Instituto Federal do Amapá (IFAP)  
fernanda.martins@ifap.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0001-9584-7578>

## RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar uma leitura comparativa dos poemas “Acordar”, escrito por Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, e “Retrato de uma cidade”, publicado por Carlos Drummond de Andrade, sob a perspectiva interdisciplinar. Na confluência entre a Literatura e a Geografia Humanista (Tuan, 2015, 1983; Dardel, 2015), os textos poéticos dos referidos escritores deixam transparecer a experiência dos sujeitos líricos em meio ao espaço citadino, trazendo à luz as diversas camadas subjetivas que perpassam o indivíduo em seus movimentos geográficos. Além disso, o desnudamento existencial do homem frente à *urbe* ainda deixa entrever a íntima conexão que há entre o ser e o mundo, revelando não somente a experiência subjetiva do ser, mas também a dinamicidade histórica que permeia a arquitetura urbana.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Carlos Drummond de Andrade; poema; cidade.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the poems “Acordar”, written by Álvaro de Campos, one of Fernando Pessoa’s heteronym, and “Retrato de uma cidade”, published by Carlos Drummond de Andrade, under an interdisciplinary perspective. At the confluence between Literature and Humanist Geography (Tuan, 2015, 1983; Dardel, 2015), the poetic texts of these writers reveal the experience of lyrical subjects amidst the city space, bringing to light the various subjective layers that permeate the individual in their geographical movements. In addition, the existential bareness of man in front of the city still allows us to glimpse the intimate connection that exists between being and the world, revealing not only the subjective experience of being, but also the historical dynamism that permeates urban architecture.

**Keywords:** Fernando Pessoa; Carlos Drummond de Andrade; poem; city.

A cidade deserta é o espaço onde o poeta sonha os grandes voos solitários.

(Vinícius de Moraes)

A partir do verso de Vinícius de Moraes, mencionado na epígrafe acima, temos duas ideias que podemos vislumbrar acerca do urbano, como “cidade deserta” e “grandes voos solitários”. Os sentidos apreendidos na leitura desse verso contemplam a imponência íntima do sujeito que é guardada no espaço urbano, a qual possibilita a ele grandes voos solitários na imensidão de si mesmo e no corpo vivo das cidades. Podemos pensar, então, em trajetórias vividas pelo homem na geografia urbana e que representam os registros subjetivos de sua paisagem existencial. Nessa perspectiva, a cidade configura-se como parte constitutiva que compõe a totalidade da existência subjetiva do indivíduo. E os poetas souberam como nenhum outro traduzir essa subjetividade inscrita no espaço citadino para a escritura poética. Apresentamos, desse modo, dois ativos escritores, de nacionalidades distintas, que eternizaram em seus versos os encantos de suas cidades escritas: Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade.

Nesse sentido, ao voltarmos nosso olhar para o itinerário poético de Portugal podemos perceber que “o evoluir da poesia portuguesa ordena-se ao longo de três segmentos: antes de Camões, isto é, a Idade Média; depois de Camões, do século XVI ao XIX; e após Fernando Pessoa, ou seja, de 1915 aos nossos dias” (Moisés, 2015, p. 8). Em outras palavras, é perceptível a influência e a importância de Fernando Pessoa em relação à deflagração de uma renovação lírica e épica na tradição cultural e literária de seu país. Inclusive, a materialização poética das transformações ocorridas na literatura portuguesa, após o surgimento da geração de *Orpheu*, pode ser visualizada nos inúmeros seres de papel criados pelo autor português, os chamados poetas heterônimos, os quais ganharam imenso destaque em sua produção artística.

Inserido em um universo poético múltiplo, uma das criações de Pessoa que alcançou enorme relevância em sua poesia lírica foi a do engenheiro futurista Álvaro de Campos, o qual possui forte influência de diversas vertentes literárias, como, por exemplo, o simbolismo, o decadentismo e o futurismo. Considerado o “poeta da cidade, por fatalidade e escolha, para ele a cidade corresponde à Natureza de Caeiro: ‘a cidade é Natureza’” (Moisés, 2015, p. 83), Campos se constitui subjetivamente “nos arroubos, no

despejo emocional, no extravasamento de um *ego* repassado de conflitos, [...] a um só tempo afeiçoado à modernidade e impelido por desencontradas forças interiores que sugerem a nostalgia de um mundo perdido” (Moisés, 2015 p. 84).

Por outro lado, longe das terras portuguesas, vislumbramos o projeto estético do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, nascido em Itabira-MG, o qual foi consagrado como um dos poetas mais influentes da Segunda Geração Modernista, tendo engendrado uma poesia que revela, de maneira ostensiva, temas que permeiam o indivíduo e o seu estar no mundo, ao mesmo tempo que evidencia em sua trajetória literária um movimento oscilante entre “querer escapar do eu, sentir e conhecer o outro, situar-se no mundo, a fim de aplacar as vertigens interiores” (Candido, 2011, p. 68). Com isso, Drummond elabora uma poética que entrelaça a “poesia da família e a poesia social” (Candido, 2011, p. 68), isto é, movimenta-se tematicamente entre o eu e o mundo por meio de uma linguagem simples, porém capaz de alcançar o indizível e tocar a alma dos seus leitores.

Ainda que estejam separados por um longo espaço de tempo, não há como não imaginarmos, ainda que de forma ficcional, um diálogo entre o engenheiro futurista e o poeta de Itabira, a entrelaçar sutilezas poéticas e contornos existenciais acerca do homem e sua “máquina do mundo”, compondo a quatro mãos uma verdadeira “ode triunfal” sobre a própria condição humana e suas paisagens geográficas existenciais. Nesse sentido, a análise crítica aqui proposta objetiva desvendar as experiências geográficas e existenciais que circundam o eu-lírico nos poemas “Acordar”,<sup>1</sup> escrito por Álvaro de Campos, e “Retrato de uma cidade”,<sup>2</sup> publicado por Carlos Drummond de Andrade. E com isso, trazer à tona a experiência sensível dos sujeitos líricos em meio à arquitetura urbana. A cidade torna-se o ponto de partida da confluência temática articulada nos escritos de ambos os poetas, por meio da qual se constrói a relação entre sujeito e mundo.

Tema recorrente na Literatura, sobretudo a partir dos estudos sobre a tradição moderna em poesia do escritor francês Charles Baudelaire, refletir sobre a arquitetura urbana atravessada pelo viés da experiência humana é apreender a estreita relação que

---

<sup>1</sup> Para a análise do poema em questão será usada a seguinte edição: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

<sup>2</sup> Esse poema foi publicado em 1977 na coluna que Drummond mantinha no Jornal do Brasil e faz parte da coletânea *Discurso de primavera e algumas sombras* (1977). Para a análise em questão foi usada a edição *Nova reunião: 23 livros de poesia* (2015), da Companhia das Letras.

há entre o homem e o espaço que ele habita, a partir das emoções que são engendradas nessa íntima conexão. Desde os tempos antigos, ao mesmo tempo que o indivíduo construía comunidades sociais, organizava, também, espaços comuns de convivência, influenciados por fatores diversos, como, por exemplo, a economia, a cultura, as formas de sobrevivência e a percepção dos habitantes que ali viviam. Consequentemente, esse modelo de organização social foi dando origem às cidades, essas complexas conjunturas que envolvem não somente projetos arquitetônicos, mas também guardam, em meio a concretude de suas instalações, a experiência do “viver entre as gentes”, as memórias, o aconchego do pertencer-se a um lugar, a sensação pulsante do reconhecimento de si mesmo em meio aos contornos espaciais.

A arquitetura urbana abriga histórias próprias, as quais podem ser visualizadas em sua edificação e localização geográfica, ao mesmo tempo que registra as experiências humanas, conforme nos explica Raquel Rolnik:

O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais, tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história (Rolnik, 1988, p. 6).

As cidades, apesar das inúmeras transformações e mudanças pelas quais passam, sempre abrigaram matéria bruta e vida pulsante. E é justamente a vida pulsante entrelaçada à arquitetura urbana que interessou e continua provocando interesse aos nossos grandes poetas e escritores, não somente como um espaço de ambientação e localização, mas como uma extensão da identidade subjetiva dos personagens, refletindo, de forma profunda, o construto subjetivo do sujeito que ali habita.

Na intersecção entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural, os textos poéticos de Álvaro de Campos e de Carlos Drummond de Andrade traduzem, em forma de versos, o olhar de ambos os poetas diante da singularidade das cidades poetizadas por eles – Lisboa e Rio de Janeiro respectivamente –, movidos pelo incessante desejo de constituir em linguagem as suas “cidades invisíveis”, fazendo menção aqui à famosa obra de Calvino. Assim, deparamo-nos, então, com duas cidades díspares, que foram poetizadas em um determinado tempo e espaço, mas que apresentam em toda a sua representação poética “a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das

existências humanas” (Calvino, 1990, p. 85), a expressar o homem e seu estar-no-mundo.

Ao nos debruçarmos sobre o poema “Acordar”, de Álvaro de Campos, concebemos versos que evocam a sutileza com que o eu-lírico fala de Lisboa, seu lugar no mundo. Observemos o seguinte fragmento:

Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,  
Acordar da rua do Ouro,  
Acordar do Rossio, às portas dos cafés,  
Acordar  
E no meio de tudo a gare, que nunca dorme,  
Como um coração que tem que pulsar através da vigília e do sono.  
Toda a manhã que raia, raia sempre no mesmo lugar,  
Não há manhãs sobre cidades, ou manhãs sobre o campo.  
À hora em que o dia raia, em que a luz estremece a erguer-se  
Todos os lugares são o mesmo lugar, todas as terras são a mesma,  
E é eterna e de todos os lugares a frescura que sobe por tudo.

[...]

Uma espiritualidade feita com a nossa própria carne.  
Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha,  
Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por o que pode  
acontecer de bom,  
São os sentimentos que nascem de estar olhando para a madrugada,  
Seja ela a leve senhora dos cumes dos montes,  
Seja ela a invasora lenta das ruas das cidades que vão leste-oeste,

[...]

(Pessoa, 1986, p. 290)

A partir da leitura dos versos acima vislumbramos uma sensação diferente quando o eu-lírico se encontra em Lisboa: “Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras” (Pessoa, 1986, p. 290), ao mesmo tempo que menciona a experiência de acordar na rua do Ouro, na Praça do Rossio, acordar às portas dos cafés, sentir o raiar da luz a estremecer nas manhãs. Além disso, ele cita ainda a gare que nunca dorme, distinguindo-a como o coração da cidade, que pulsa através da vigília e do sono. Toda essa composição poética descrita acima deixa transparecer as sensações experienciadas pelo eu-lírico na cidade de Lisboa, posto que “a cidade, como realidade geográfica, é a

*rua*” (Dardel, 2015, p. 16). Percorrer pelas ruas e os cantos de Lisboa é elaborar mentalmente um trajeto de afeto e reconhecimento de aconchego, de pertencimento.

Os versos de Álvaro de Campos recriam a representação da intimidade humana junto à espacialidade urbana. O eu-lírico materializa suas emoções por meio das representações simbólicas dos cantos lisboetas, ao mesmo tempo que funde a percepção dos sentidos ao nível do pensamento. Temos aí um esboço das “pequenas sínteses da história desses bairros, em que enfatiza a vida miúda, as tradições, a memória coletiva [...]” (Gomes, 2008, p. 108). Além disso, vemos engendrar na tessitura poética o extravasamento das emoções do eu-lírico junto à realidade geográfica, quando esse afirma: “Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha, / Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por o que pode acontecer de bom, / São os sentimentos que nascem de estar olhando para a madrugada [...]” (Pessoa, 1986, p. 290). A gênese dessas emoções está exatamente na percepção sensorial do sujeito em meio à natureza geográfica: na vivência do que o corpo partilha e no olhar para a madrugada. O corpo vivo das emoções se coaduna à materialidade concreta do espaço para configurar um quadro de vivências no espaço urbano.

Já no poema “Retrato de uma cidade”, Carlos Drummond de Andrade poetiza a beleza do Rio de Janeiro entrelaçada à experiência do eu-lírico, conforme evidenciam os versos abaixo:

Tem nome de rio esta cidade  
onde brincam os rios de esconder.  
Cidade feita de montanha  
em casamento indissolúvel  
com o mar.  
Aqui  
amanhece como em qualquer parte do mundo  
mas vibra o sentimento  
de que as coisas se amaram durante a noite.  
As coisas se amaram. E despertam  
mais jovens, com apetite de viver  
os jogos de luz na espuma,  
o topázio do sol na folhagem,  
a irisação da hora  
na areia desdobrada até o limite do olhar.

[...]

E não se esgota o impulso da cidade  
na festa colorida. Outra festa se estende  
por todo o corpo ardente dos subúrbios  
até o mármore e o fumé

de sofisticados, burgueses edifícios  
uma paixão:  
a bola  
o drible  
o chute  
o gol  
no estádio-templo que celebra  
os nervosos ofícios anuais  
do Campeonato.

[...]

(Andrade, 2015, p. 101)

Nos versos acima, o eu-lírico afirma a sua afeição pela cidade, reconhecendo-a como um lugar especial, a qual proporciona vivências singulares. O uso do advérbio “aqui” reforça a ideia de uma cidade que se distingue das demais, a partir do olhar do eu-lírico e de suas experiências. Nesse caso, vislumbramos uma conexão entre o espaço urbano e a perspectiva subjetiva do sujeito que nele habita. A descrição que é feita da cidade do Rio de Janeiro envolve não somente o visível, mas também movimentos sensoriais que se desdobram em torno do sentir, em todas as suas nuances e formas, conforme fragmento: “As coisas se amaram. E despertam / mais jovens, com apetite de viver / os jogos de luz na espuma, / o topázio do sol na folhagem, / a irisação da hora / na areia desdobrada até o limite do olhar” (Andrade, 2015, p. 101). Tendo em vista esse aspecto, o Rio de Janeiro torna-se “a cidade dançarina em seu eterno movimento e mutação [e] ainda responde ao olhar do sujeito que faz paisagem com o que olha e sente” (Gomes, 2008, p. 108). A imbricação dos sentidos amplifica a experiência do sujeito junto à sua cidade. O eu-lírico reconstrói o “seu” retrato da cidade do Rio de Janeiro conjugando as percepções dos sentidos e a natureza, tendo como base as suas experiências sensoriais.

O corpo linguístico/semântico do texto poético traz à luz imagens representativas da cidade sob o viés afetivo, evidenciadas por meio de personificações, as quais atribuem características humanas a seres inanimados. Conforme descrito, visualizamos uma cidade que possui um casamento indissolúvel com o mar e que esconde a brincadeira dos rios. É a cidade tornando-se corpo vivo diante da imaginação criadora do poeta. O eu-lírico ainda percorre pelo corpo ardente do subúrbio até os edifícios burgueses para enfatizar a tradicional festa do futebol carioca que pulsa em todos os cantos da cidade, independente da classe social, fazendo referência ao estádio-

templo, onde o campeonato é celebrado anualmente. Conhecida como a “Cidade Maravilhosa”,<sup>3</sup> o Rio de Janeiro poetizado por Carlos Drummond de Andrade, apresenta simbolicamente a articulação intrínseca entre o eu e o mundo.

Além de registrar a conexão entre sujeito e mundo, os dois poemas ainda fazem referência aos monumentos históricos de suas cidades – Lisboa e Rio de Janeiro –, enfatizando ainda mais a afetividade dos sujeitos líricos pelo lugar, visto que as “cidades escritas” constituem os cenários da existência humana. Atentemo-nos ao fragmento de Álvaro de Campos:

A mulher que chora baixinho  
Entre o ruído da multidão em vivas...  
O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,  
Cheio de individualidade para quem repara...  
O arcanjo isolado, escultura numa catedral,  
Siringe fugindo aos braços estendidos de Pã,  
Tudo isto tende para o mesmo centro,  
Busca encontrar-se e fundir-se  
Na minha alma.

(Pessoa, 1986, p. 290)

A visibilidade do arcanjo isolado feito escultura em uma catedral, conforme ilustrado nos versos, mostra a historicidade e a fisionomia arquitetônica da “Cidade de Ulisses”.<sup>4</sup> Os monumentos históricos, nesse caso, acentuam as marcas do espaço construído, ou seja, assinala a presença do homem. Cidades carregadas de história, de movimentos humanos, de multidão em vivas a compor a realidade geográfica que atravessa a existência humana, tanto no passado como no presente. A cidade guarda segredos que são desvendáveis em sua materialidade concreta. A referência a Pã retoma a mitologia grega e congrega histórias, mitos e passagens. Descobrir a história das cidades é descobrir a história dos que ali habitaram. E é a partir dessa ideia que corroboramos que a relação sujeito e mundo é erigida na fusão entre a alma humana e o

---

<sup>3</sup> A título de explicação, “o epíteto – Cidade Maravilhosa – foi criado pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès, que visitava o Rio, em 1912. A nomeação veio emblematicamente fixar a imagem da cidade inventada pelo projeto oficial da República recém-inaugurada, abrindo os tempos eufóricos de uma *Belle Époque* brasileira. [...] Esse epíteto não remete somente apenas à criação divina da natureza. A mão do homem a completa e a urbaniza. [...] O emblema grudou-se à cidade e ao imaginário oficial e popular, que a marchinha de André Filho para o carnaval de 1935, fixou para sempre” (Gomes, 2008, p. 112).

<sup>4</sup> Segundo a mitologia, Lisboa foi fundada por Ulisses. O nome deriva de *Olissipo*, palavra que, por sua vez, tem a sua origem nas palavras fenícias *allis ubbo*, que significam “porto encantador”. Disponível em: <<https://lisboacidadeencanto.wordpress.com/kuijuj/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.



espaço geográfico. Não há como descrever o homem sem mencionar o seu lugar no mundo, um não existe sem o outro. A constituição da realidade social, temporal e identitária do homem perpassa pelo aspecto da geograficidade. O homem e a terra encontram-se e fundem-se a uma só totalidade. Lisboa não é somente um espaço urbano, mas a tradução visível e palpável das sensações vivenciadas, as quais são transformadas em experiências únicas e vínculos inesquecíveis.

Enquanto o poeta futurista faz menção à mitologia, Drummond traz à cena poética a escultura tradicional do Cristo Redentor. Observemos o fragmento abaixo:

[...]

Cristo, uma estátua? Uma presença,  
do alto, não dos astros,  
mas do Corcovado, bem mais perto  
da humana contingência,  
preside ao viver geral, sem muito esforço,  
pois é lei carioca  
(ou destino carioca, tanto faz)  
misturar tristeza, amor e som,  
trabalho, piada, loteria  
na mesma concha do momento  
que é preciso lamber até a última  
gota de mel e nervos, plenamente.

[...]

(Andrade, 2015, p. 101)

Nesses versos, o eu-lírico afirma que o Cristo não é apenas uma estátua, mas uma presença viva, uma providência divina alcançável à percepção dos olhos, pois pode ser vista do alto do Corcovado. A estátua não é somente um monumento, contudo opera na construção da história da cidade e das experiências vivenciadas pelas pessoas que ali habitam. A partir dessa ideia, Tuan nos explica que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos nas paisagens e as batalhas passadas são lembradas” (Tuan, 2015, p. 31). Centrando-se nesse movimento topofílico, percebemos na leitura dos versos que há o enlace afetivo entre o sujeito lírico e a cidade desencadeado a partir do reconhecimento da historicidade do lugar e a dinamicidade cultural do seu povo transparente na imagem do Cristo Redentor, a estreitar, ainda mais, o amor pelo lugar.

No plano literário, conforme observamos nos dois poemas analisados, somos guiados pelos movimentos dos sujeitos líricos que passeiam pelas linhas de cada um dos textos poéticos, a construir suas cidades escritas. A realidade geográfica observada e vivida torna-se material linguístico nas mãos dos poetas, refaz-se na linguagem literária e povoa o imaginário dos leitores. A palavra escrita dá lugar aos retratos poéticos das cidades: o leitor sente-os e imagina-os. Entre imagens, cores e sensações, os signos linguísticos vão desvelando as cidades invisíveis e tornando-as visíveis no universo imaginativo do leitor, conforme explica Renato Cordeiro Gomes:

A representação imagística da cidade está estreitamente ligada às metáforas visuais, numa recorrência que forma uma tradição. A cena da escrita faz-se sob o signo da visibilidade; traduz-se no ‘dar a ver’. Pode prender-se, por um lado, à técnica do retrato, quando na produção do discurso”, remete-se à realidade observável e atrela-se à geografia do lugar; por outro, busca construir ‘cidades invisíveis’ que a imaginação torna visíveis (Gomes, 2008, p. 82).

A trajetória do homem é contingencialmente marcada pelos intensos deslocamentos realizados no tempo e no espaço, ou seja, movimentar-se na espacialidade geográfica é construir, também, ambientes fecundos de existência. Nas palavras de Ítalo Calvino, “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo que você deve pensar” (Calvino, 2003, p. 13). Compreendemos, então, que as sensações experienciadas pelo eu-lírico, por meio dos sentidos, podem ser visualizadas na forma como ele descreve a geografia urbana e seus contornos espaciais. Dessa forma, a configuração subjetiva que envolve a geometria da cidade extravasa e mostra além do que se pode ver, traz à luz o subjetivismo que o eu-lírico sente frente ao mundo que se mostra diante de seus olhos. Há, nesse caso, o desnudamento da paisagem existencial do sujeito lírico a partir da vivência no referido lugar.

Conforme os estudos de Tuan (1983), a relação arquitetada entre o sujeito e o lugar em que ele habita é atravessada por uma rede de valores culturais, sociais e afetivos, a qual constrói a realidade subjetiva de cada um. Como cada indivíduo é único, sua identidade subjetiva é construída de forma muito particular, conforme afirma Tuan:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. As emoções dão colorido à

experiência humana, incluindo os mais altos níveis de pensamento humano (Tuan, 1983, p. 9).

Em outras palavras, Tuan nos explica que a experiência tem sua origem engendradora na totalização entre o sentimento e o pensamento, de modo a constituir a realidade humana. Assim, ao voltarmos nosso olhar para os referidos poemas identificamos sujeitos líricos que demonstram total afetividade por sua cidade, desnudando as diversas camadas subjetivas, históricas e sociais que a permeiam. Enquanto o heterônimo pessoano apresenta a Lisboa de seus encantos, com suas ruas e praças, as inesquecíveis portas de café, a gare que nunca dorme; Drummond ressalta a natureza do Rio de Janeiro a entrecruzar com a selva de pedra dos edifícios e monumentos. É inevitável, portanto, o reconhecimento de tais cidades como um lar, visto que “não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (Tuan, 1983, p. 3). Dessa forma, o “lar cristaliza-se como um lugar central por excelência e em toda a sua grandeza. Por um lado, por ser um refúgio íntimo, trançado por laços de afinidade e significados e, ao mesmo tempo, impregnado por experiências do passado e do presente [...]” (Mello, 2014, p. 34).

Tanto Álvaro de Campos quanto Carlos Drummond de Andrade traduzem em forma de poesia o afeto nutrido por suas cidades. E é justamente esse sentimento que faz com que os sujeitos líricos reconheçam o lugar-base de sua existência. Lisboa é, pois, a cidade aconchego do eu-lírico pessoano, ao passo que o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa do eu-lírico de Drummond. Os dois poetas registraram, cada um a seu modo, “um labirinto de ruas feitas de textos” (Gomes, 2008, p. 24) a ser apreciado esteticamente e desvendado, tal qual o fio de Ariadne.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes da poesia de Drummond. In. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro azul, 2011.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: JR. MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 33-68.

MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. São Paulo: Cultrix, 2015.

MORAES, Vinícius de. *O mergulhador*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte, 1968.

PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em: 30/04/2023

Aceito em: 26/10/2023

**Francisca Marciely Alves Dantas:** Mestra em Letras, área de concentração Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí (2016) e professora do quadro efetivo do Instituto Federal do Amapá - IFAP.

**Fernanda Pereira Martins:** Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018) e professora do quadro efetivo do Instituto Federal do Amapá.